

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 10, N. 2, ano 2018

METÁFORA E SUBJETIVIDADE EM DISCURSOS SOBRE O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE REJEITOS DA SAMARCO EM MARIANA: UMA ANÁLISE DO JORNAL “A SIRENE”

*Paulo Henrique Aguiar Mendes**

RESUMO

Neste trabalho, buscamos analisar metáforas produzidas a partir de discursos sobre o rompimento da barragem de rejeitos Fundão, da mineradora Samarco em Mariana (MG). Mais especificamente, focalizamos processos metafóricos presentes em uma das iniciativas da sociedade civil organizada, que se traduz pelo jornal *A Sirene*, produzido pelos atingidos e colaboradores, como ferramenta de comunicação e de mobilização. Utilizamos como fundamentação teórica noções oriundas da teoria da metáfora conceitual (Lakoff & Johnson, 2002), da teoria da integração conceitual (Fauconnier e Turner, 2002) e da semiótica cognitiva (Brandt, 2004; Brandt & Brandt, 2005; Oakley, 2009), buscando integrá-las organicamente na análise do objeto em questão. Quanto aos procedimentos metodológicos, propomos uma abordagem qualitativa de natureza heurística, com vistas à compreensão e à interpretação do processo de metaforização desse acontecimento, considerado a maior tragédia socioambiental do país, através do ponto de vista das populações atingidas, em termos da (re)construção de sua identidade e de padrões de acesso ao discurso proporcionados pelo jornal pesquisado.

Palavras-chave: Metáfora; Subjetividade; Discurso; Jornal “A Sirene”.

ABSTRACT

The article aims to analyze metaphors about the Samarco dam burst in Mariana (MG). More specifically, it focuses metaphoric process on one of the initiatives of civil society, which is reflected by the newspaper *A Sirene*, produced by the affected people with the cooperation of collective, as a communication tool to mobilize affected people. We use theoretical notions derived from the Theory of Conceptual Metaphor (Lakoff and Johnson, 2002), from the Theory of Conceptual Integration (Fauconnier and Turner, 2002) and from Cognitive Semiotics (Brandt, 2004; Brandt & Brandt, 2005; Oakley, 2009) in the analysis of the object in question. In this sense, the methodological procedures used are characterized as a qualitative approach of heuristic nature, in order to understand and interpret the metaphorization discursivization process of the event, which has been considered the biggest socio-environmental tragedy in the country, through the point of view of the affected, considering the (re)construction of their identity access condition provided by the newspaper.

Keywords: Metaphor; Subjectivity; Discourse; Newspaper A Sirene.

* Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem

INTRODUÇÃO

Criado em 05 de fevereiro de 2016, o jornal A Sirene possui regularidade mensal. Trata-se de um jornal escrito no formato tabloide por indivíduos na condição de atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, muitos dos quais perderam suas propriedades, espaços comunitários de pertencimento e até vizinhos ou parentes. A produção do Jornal conta também com a colaboração de coletivos (a exemplo do #UmMinutoDeSirene), que fazem parte de um grupo de apoio constituído por uma ação articulada que integra os atingidos, a arquidiocese de Mariana, jornalistas e professores. O jornal, produzido em 16 páginas, tamanho A3, tem tiragem regular de 2.000 exemplares, que são distribuídos, gratuitamente, entre a comunidade de atingidos (que habitavam em Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo, Pedra, Barra Longa, etc.) e membros da sociedade marianense presentes no ato de lançamento de cada edição. Além disso, há também uma versão digital disponível na internet. O jornal A Sirene se caracteriza pela presença de textos de caráter fortemente autoral, que não se enquadram nos padrões convencionais dos gêneros jornalísticos tradicionais. Trata-se de uma forma emergente de empoderamento das comunidades atingidas, apresentando um alto grau de subjetivação e de posicionamento identitário, em que podemos destacar a presença do processo de metaforização.

Propomos uma abordagem qualitativa de natureza heurística, visando à compreensão e à interpretação do processo de metaforização do rompimento da barragem e de seus desdobramentos (considerado a maior tragédia socioambiental do país), através da análise de excertos de publicações que refletem a experiência e o ponto de vista das populações atingidas, em termos da (re) construção de sua identidade e de padrões de acesso ao discurso proporcionados pelo jornal pesquisado.

Mencionamos a hipótese da triangulação metodológica (Slatev, 2002), que diz respeito ao reconhecimento da validade das chamadas perspectivas de primeira pessoa (subjetiva), de segunda pessoa (intersubjetiva) e de terceira pessoa (objetiva) e à tentativa de conjugá-las. No nosso caso específico, o jornal, como objeto discursivo (dialógico), apresenta um ponto de vista de segunda pessoa, mas pressupõe especialmente a perspectiva de primeira pessoa, porque o foco da análise são metaforizações produzidas pelos atingidos, tal como eles as experienciam subjetivamente através da enunciação.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Parece haver um consenso, entre os estudiosos da metáfora, de que a teoria da metáfora conceptual (TMC), formalizada, em suas bases epistemológicas por Lakoff e Johnson (2002) representou, e ainda representa, uma quebra de paradigma no estudo da metáfora, concebida como processo de estruturação de um domínio conceitual/experiencial (alvo) em termos de outro (fonte). Desde o início de sua formulação, os autores já afirmavam que:

as ideologias políticas e econômicas são enquadradas [*framed*] em termos metafóricos. Como todas as outras metáforas, as metáforas políticas e econômicas podem esconder aspectos da realidade. Mas na área da política e da economia as metáforas importam mais, pois elas direcionam nossas vidas. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 236).

Como esse processamento metafórico, na perspectiva da TMC, pode ter como fundamento tanto a corporificação – em termos de experiências sensorio-motoras de caráter mais universal, chamadas de esquemas imagéticos (JOHNSON, 2007) – quanto a dimensão cultural da experiência (KÖVECSSES, 2005), estudar a metáfora passou a representar um importante instrumento para a compreensão do papel do corpo e da cultura, intermediados pela metáfora, na produção de sentidos. A hipótese defendida é de que não só o corpo molda a mente corporificada, mas as experiências do corpo-no-mundo também moldam a mente corporificada. Assim, os mundos experienciais com os quais interagimos são mais do que simplesmente físicos, pois nascemos inseridos em meios sociais e culturais que transcendem nossos corpos individuais situados no tempo, sendo a linguagem constitutiva do meio sócio-cultural no qual existimos.

Não obstante a pertinência teórica da abordagem de Lakoff e Johnson e seus desdobramentos, em linhas gerais, esta última se caracteriza por analisar os processos metafóricos como operações cognitivas que nos permitem estruturar/projetar nosso conhecimento de determinados domínios experienciais em termos de outros, apresentando um escopo voltado para os princípios cognitivos mais gerais que regem o nosso sistema conceitual. Nesse sentido, tal abordagem não está diretamente interessada pela questão do processamento discursivo e de suas variáveis situacionais, pragmáticas etc., o que explica a ausência de um instrumental de análise mais consistente para dar conta de fenômenos emergentes mais localizados no plano da enunciação.

Dessa forma, uma série de estudos, protagonizados por Cameron (2008), Cameron e Deignan (2006), entre outros, passaram a direcionar seus questionamentos para a dimensão discursiva da metáfora, propondo unidades de análise como o *metaforema* (metáfora nova, emergente, local, vinculada a um sistema complexo, candidata a convencionalização) e *metáfora sistemática* (metáfora cognitiva subjacente ao discurso, situada, ao contrário da metáfora conceptual, em textos específicos, e evidenciada por marcas linguísticas metafóricas, ou veículos, presentes nesses textos).

Em nosso artigo, recorreremos, então, a outros modelos teóricos que desenvolveram enfoques mais adequados sobre o processamento metafórico numa dimensão discursiva, buscando explicar a emergência de efeitos de sentido contextualmente situados. Segundo Silva:

Uma nova teoria em linguística cognitiva que subsume a metáfora e a metonímia como casos particulares de mecanismos de projeção mental é a teoria da mesclagem ou integração conceitual (“*blending*”) – uma extensão dos estudos iniciais de G. Fauconnier sobre espaços mentais (Fauconnier: 1985) e que tem sido desenvolvida pelo próprio e por M. Turner e seus colaboradores (...) Esta nova teoria procura explicar como é que falantes e ouvintes registram correspondências conceituais e constroem novas inferências durante o processo discursivo. A ideia nova e central é a de que na projeção conceitual, tal como ocorre no discurso, os domínios origem e alvo (ou espaços *input*) são projetados num espaço integrado (“*blend*”), cuja estrutura não deriva inteiramente dos espaços *input* (SILVA, 2006, p. 147).

Com efeito, para a teoria da integração conceitual (FAUCCONNIER; TURNER, 2002), a metáfora é uma manifestação particularmente importante e saliente da integração conceitual ou mesclagem (*blend*), que emerge de uma rede articulada de espaços mentais, os quais podem ser definidos, em linhas gerais, como esquemas/cenários cognitivos construídos pelos sujeitos

percebendo, imaginando e/ou interagindo. Um ponto importante é que na teoria da integração, os dois espaços input (que podem ser relacionados aos domínios fonte e alvo) projetam elementos de suas próprias estruturas no espaço mescla, cuja estrutura emergente (nova) não deriva inteiramente dos espaços *input*. Resumidamente, ao passo que a teoria da metáfora conceitual identifica, prioritariamente, padrões regulares e convencionais de metáforas e trata, desse modo, de estruturas de conhecimento estáveis e representadas na memória de longo prazo, a teoria das redes de integração dirige-se explicitamente a exemplos novos e únicos, buscando modelar a evolução dinâmica das representações *online* de locutores em situações concretas.

Na arquitetura dos espaços proposta na teoria da integração conceitual, postula-se a existência de um espaço base/genérico, que mapeia estruturas partilhadas pelos espaços de entrada, a partir dos quais são projetados novos espaços integrados (mesclas) emergentes. O estatuto teórico do espaço base/genérico é pouco discutido pelos próprios autores da teoria e, por vezes, é criticado por outros estudiosos pela falta de clareza em sua definição. Em se tratando de uma análise do processamento discursivo da metáfora, parece-nos importante desenvolver um breve comentário sobre essa questão, e o faremos a partir da discussão elaborada por Brandt & Brandt (2005).

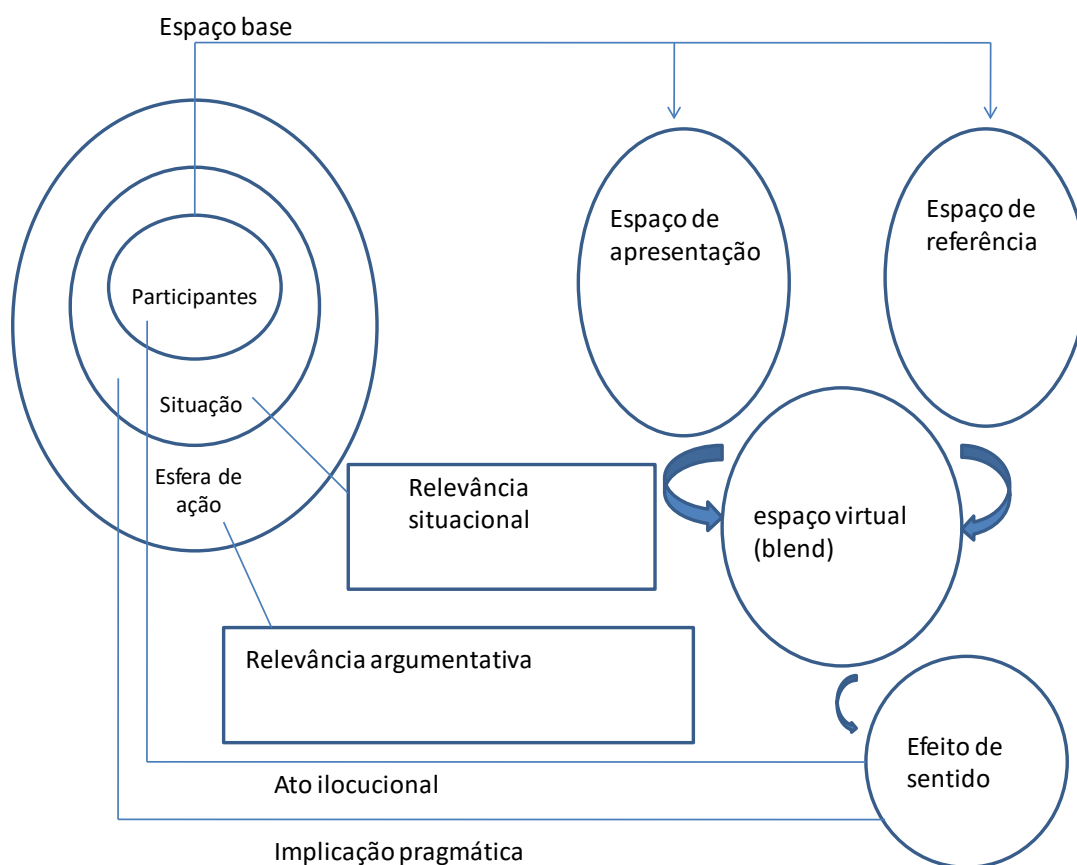
Segundo esses autores, o espaço base/genérico da teoria da integração conceitual corresponde ao que Fauconnier chamou de espaço-R, ou seja, aquele relativo à realidade do falante, que seria a base ontológica – o ponto de referência – para determinar o estatuto de outros espaços a ele relacionados, a exemplo de espaços contrafactuais ou hipotéticos. Nesse sentido, Brandt (2004) propõe a formulação de um espaço base semiótico, como espaço de engajamento enunciativo dos sujeitos na produção de sentidos, o qual é desdobrado em três esferas: a da semiose propriamente dita, enquanto instância de realização de atos de linguagem, a da situação de comunicação em que se encontram os participantes da interação, e a do mundo fenomenológico mais amplo acessível à nossa experiência vivida.

O modelo da semiótica cognitiva de Brandt (2004), desenvolvido também por Brandt & Brandt (2005), dialoga diretamente com os fundamentos da teoria da integração conceitual, mas avança na análise do processamento discursivo, ao apresentar uma ancoragem enunciativa/discursiva mais clara e consistente, a partir do desdobramento do espaço base semiótico nos termos mencionados acima, ao qual se associa a postulação de um espaço de relevância (ilocucional, situacional e argumentativa), que articula a geração de sentidos emergentes no espaço virtual/integrado (*blend*) à sua pertinência em relação à prática discursiva em questão. Na versão apresentada pelos autores, a arquitetura dos espaços é composta pelo espaço base semiótico (a realidade enunciativa que envolve enunciador e enunciatário), pelos espaços de entrada, chamados de espaço de apresentação (instância da materialidade figurativa/textual) e de referência (instância objeto), e pelo espaço virtual (*blend*), projetado a partir da seleção de elementos dos *frames* dos dois últimos espaços. A esse conjunto se articula um espaço de relevância, que orienta o sentido emergente do espaço virtual em função de sua relação com os demais espaços. Segundo Brandt & Brandt (2005):

O significado metafórico é um produto de uma projeção/mapeamento entre o *blend*, em seu estado de significado-pré-emergente (o *blend* antes da emergência de inferências relevantes), e algum esquema relevante, que estrutura o *blend* e faz sua estranha figuratividade significativa. Da perspectiva de um destinatário, um

blend pode atrair diferentes projeções esquemáticas dependendo de quais estruturas possam ser interpretadas como compartilhadas entre as entradas e o que tenha sido estabelecido como situacionalmente relevante para a comunicação. Da perspectiva de um falante, a emissão relevante determinará a gama de possíveis cenários apresentacionais, e a adequação de qualquer candidato individual (BRANDT & BRANDT, 2005, p. 235. Tradução livre)¹

Assim, o espaço de relevância parece operar uma filtragem no processo recursivo de projeções no(s) espaço(s) integrado(s), de modo a selecionar os *frames* pertinentes à interação em questão, em termos da produção de efeitos de sentido emergentes numa dada situação de comunicação. Apresentamos abaixo uma versão esquemática nossa da arquitetura dos espaços proposta por Brandt (2004) e adaptada por Oakley (2009), entre outros autores:



¹ The metaphoric meaning is a product of a mapping between the blend, in its pre-emergent-meaning state (the blend prior to emergence of relevance inferences), and some relevant schema, which structure the blend and makes its strange figurativity meaningful. From the perspective of an addressee, a blend may attract different schematic mappings depending on what structures can be construed as shared between the inputs and what has been established as situationally relevant to the communication. From the perspective of a speaker, the relevant issue will determine the range of possible presentational scenarios, and the adequacy of any individual candidates.

2 O PROCESSO DE METAFORIZAÇÃO NO JORNAL A SIRENE

Inicialmente, o próprio nome do jornal – *A Sirene* – é relevante para a nossa discussão, a começar pelo fato de que não havia ‘sirene’ na Barragem da Samarco, embora as regras de emergência em barragens preconizem o uso desse ‘instrumento’ para alertar a população sobre o risco iminente de acidentes. Nesse sentido, o nome do Jornal alude a esse fato denunciado, ao mesmo tempo em que o ressignifica metaforicamente, de modo que *A Sirene* passa a ser a ferramenta de comunicação e mobilização dos atingidos. Podemos projetar esse mapeamento metafórico nos termos propostos por Lakoff & Johnson, a partir do excerto abaixo do editorial do primeiro número do jornal e do esquema seguinte:

(1) Editorial

(...) A sirene é um jornal feito pelos atingidos para os atingidos. Mais uma ferramenta de apoio para que a comunicação e a preservação das suas memórias se tornem seus patrimônios. Um convite a todos para não esquecer. #UmMinutoDeSirene



Nessa perspectiva, o primeiro processo de metaforização presente no Jornal refere-se à sua própria denominação, que nos permite inferir a estruturação de um domínio experiencial/conceitual mais complexo, qual seja, o do jornal como meio de comunicação e de mobilização dos atingidos, em termos de um domínio mais primitivo, o da sirene enquanto artefato sonoro com a função de alertar a população sobre a iminência de acidentes.

Não por acaso, o primeiro número do Jornal apresenta uma seção intitulada “Quem foi sua sirene”, a qual ilustra um outro processo metafórico, que se traduz pela personificação da sirene, ou seja, na ausência do artefato, os moradores atingidos metaforizam essa função de alertar, associando-a a pessoas ou a entidades divinas, como podemos observar nos fragmentos de relatos dos atingidos na referida seção.

(2) SEU SEBASTIÃO

Minha sirene foi Deus. Vi a lama a cinco metros de onde estava; corri muito, se não corresse morreria. Salvei minha irmã de 70 anos, carreguei ela no colo.

(3) ARNALDO

Acordei às 16 horas e ouvi o Gladismar gritando na praça. Ele foi a minha sirene. Depois disso, salvei seis pessoas da lama.

(4) SÔNIA

Minha sirene foi a gritaiada na praça, a afobação do povo. Não deu tempo de correr. Quando vi, a lama já estava na minha garagem. Eu, meu filho e meu sobrinho nadamos na lama grudenta em zig-zag, fugindo da correnteza até chegar em um ponto firme.

Podemos dizer que a ancoragem referencial dos processos metafóricos mencionados acima na relação com objeto ‘sirene’ e suas ressignificações a partir do rompimento da barragem de Fundão e da criação do jornal, confere às metáforas produzidas um certo grau de convencionalização, o qual passa a ser compartilhado coletivamente pelos atingidos. Nesse sentido, chama-nos também a atenção a produção de uma das seções recorrentes do jornal, intitulada “A gente explica”, a qual constitui uma espécie de “dicionário popular”, produzido em colaboração direta com os atingidos. Reproduzimos dois verbetes da seção publicada na primeira edição:

(5) Barragem: 1. Sensação de perigo; 2. Bomba; 3. Pesadelo de várias comunidades brasileiras por várias décadas; 4. Irresponsabilidade.

Rejeito/lama: 1. Poluição; 2. Sobra não aproveitada, barro; 3. Monstro criado que nos levou à ruína total, ou seja, destruiu toda a nossa casa; 4. Trauma

Podemos perceber, de início, que não se trata de um conjunto de definições convencionais, segundo as regras de construção de verbetes dos dicionários tradicionais, nos moldes filológicos e/ou lexicológicos, mas sim de um conjunto de enunciações que traduzem um conhecimento intuitivo dos atingidos sobre os sentidos que eles atribuem aos itens lexicais em questão. Em outras palavras, os sentidos das “palavras” são construídos a partir de uma perspectiva experiencial dos fenômenos, cujo semantismo assume o ponto de vista de primeira pessoa, com forte presença de subjetivação, embora as metáforas produzidas apresentem algum grau de convencionalidade, a exemplo BARRAGEM É BOMBA OU BARRAGEM É PESADELO; REJEITO/LAMA É MONSTRO OU REJEITO/LAMA É TRAUMA, cujas projeções são facilmente inferíveis, em termos de algo que causa medo, destruição e sofrimento às pessoas.

Por outro lado, observamos a presença de outras metáforas que apresentam um caráter emergente com um grau maior de subjetivação em alguns textos produzidos por atingidos com a ajuda de grupos de colaboradores do jornal. Apresentamos abaixo um fragmento de um texto publicado na primeira edição do jornal:

(6) Ser celebridade da desgraça

Por Maria das Graças Santos

Meu primeiro contato com a mídia foi quando ainda estava no meio da lama, lutando para salvar as pessoas. (...)

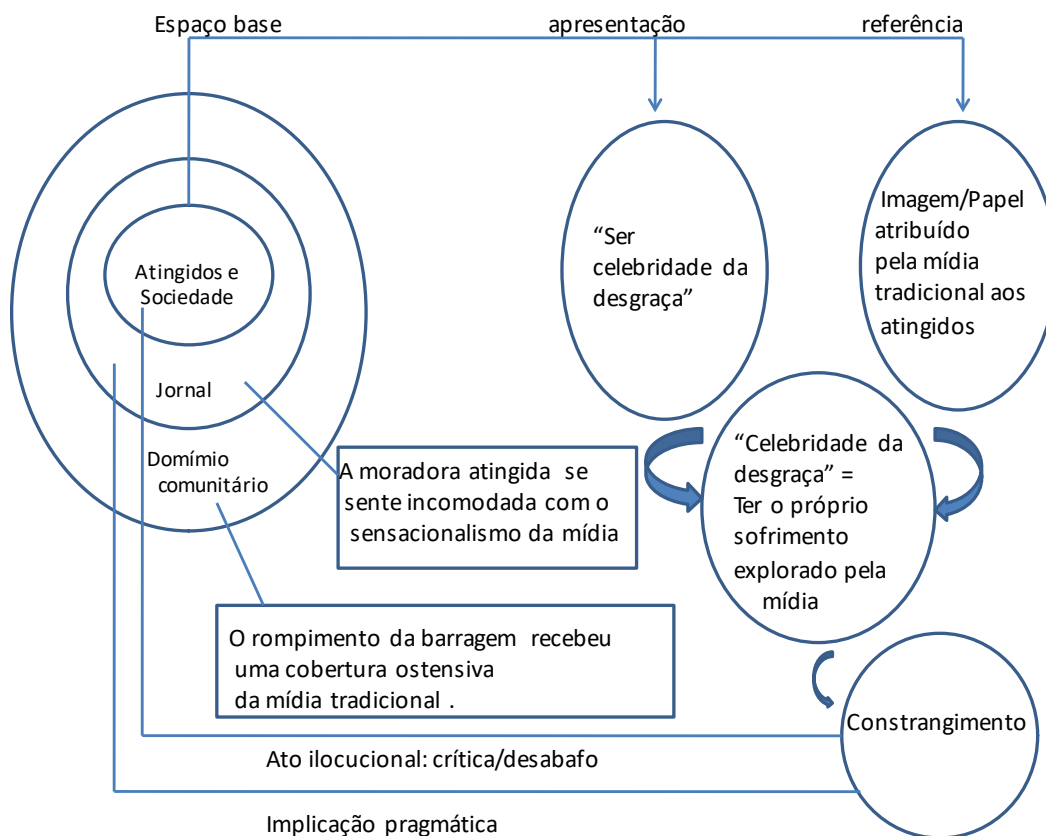
No céu, outra tempestade, só que de helicópteros da Globo, SBT, Record. Nenhum nos ajudou.

(...) Às vezes pedem para fazer uma cara triste para as fotos e aproveitam quando choramos.

Eles só publicam o que querem. (...)

O que incomoda é ser celebridade da desgraça.

Em (6), temos o depoimento de uma atingida que relata a cobertura midiática logo após o rompimento da barragem, que foi ostensiva, explorando de forma sensacionalista o drama dos atingidos pela chamada “tragédia de Mariana”, denominação utilizada pelos jornais para definir o que ficou conhecido como o maior desastre socioambiental do país. A autora do relato utiliza construções metafóricas para criticar o modo como a mídia agiu de forma oportunista na cobertura do acontecimento, a exemplo do enunciado –“No céu, outra tempestade, só que de helicópteros da Globo, SBT, Record. Nenhum nos ajudou” – e, sobretudo, do desabafo expresso pelo último enunciado do texto – “O que incomoda é ser celebridade da desgraça.” Para além da metaforização mais convencional que se traduz pela ‘tempestade de helicópteros’, destacamos especialmente a expressão “ser celebridade da desgraça”, cujo semantismo apresenta um alto grau de subjetivação metafórica, enfatizada pela tensão entre os nomes que compõem o sintagma ‘celebridade da desgraça’. Este último expressa de forma dramática e até irônica o constrangimento da atingida diante do tratamento dado ao fato pelos veículos midiáticos. Podemos representar a análise desse processo metafórico recorrendo ao esquema abaixo, baseado na arquitetura dos espaços (BRANDT, 2004; OAKLEY, 2009):



A presença recorrente da metaforização como forma de conceptualização e de expressão identitária dos atingidos assume padrões emergentes diferentes no jornal, mas que mantêm também relações de semelhança entre si, em função da própria experiência traumática compartilhada pelos atingidos. No excerto abaixo, retirado de um texto da edição de dezembro de 2016, a sequência de metáforas traduz a revolta do atingido, autor do texto, contra a impotência das comunidade frente ao poder político e econômico dos responsáveis pelo rompimento da barragem.

(7) Atingidos: figurantes em sua própria história

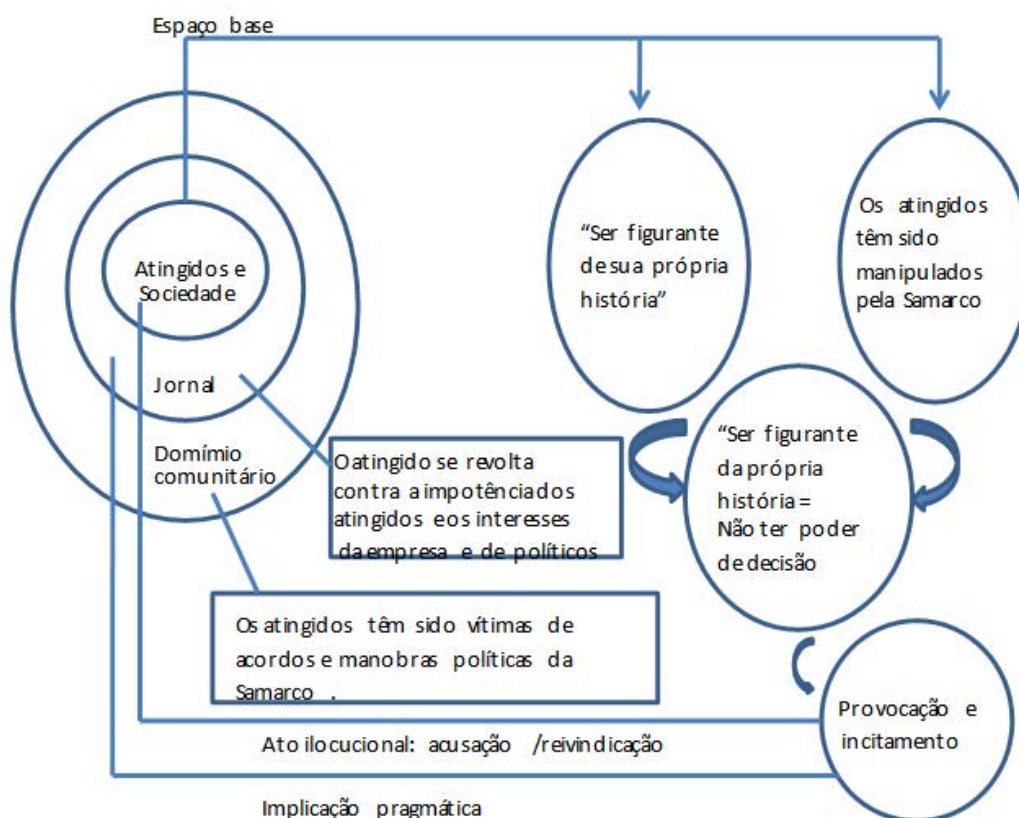
Por Sérgio Papagaio

Cinco de novembro de dois mil e quinze: iniciou-se o rompimento de uma barragem que sangra até hoje. Mas a lama desse rompimento vem atingindo, gradativamente, dia após dia, os cidadãos das comunidades afetadas com negativa de direitos, descaso, mentiras, falta de compromisso, inversão de valores e acordos feitos às escuras com políticos. Sem que o atingido tome sequer conhecimento do que será o destino da sua vida doravante. (...)

O sagramento da barragem vem dando pernas às doenças e, conseqüentemente, VIDA À MORTE que precocemente vem carregando os atingidos para o fim de sua própria história (...)

Por isso, volto a perguntar: até quando seremos figurantes do show da Samarco?

A primeira metáfora que emerge é a da “barragem que sangra”, o que caracteriza uma forma de personificação e projeta efeitos de sentido como sofrimento, dor, morte etc. Podemos, nesse caso, produzir uma integração entre lama e sangramento, cuja mescla constroi uma sentido emergente de que lama faz os atingidos sangrarem, adoecerem e morrerem. Isso pode ser corroborado pelo processamento recursivo de outras metáforas, comprimidas, por exemplo, no enunciado “o sangramento da barragem vem dando pernas às doenças e, conseqüentemente, vida à morte”. Sobretudo, o próprio título do texto e pergunta retórica com que se conclui – “Por isso, volto a perguntar: até quando seremos figurantes do show da Samarco?” – manifesta de forma mais efetiva os atos de acusação/reivindicação e de provocação/incitação realizados pelo atingido através de seu texto, ao dizer que ‘os atingidos são figurantes do show da Samarco’, ou ainda, que os atingidos são manipulados pela Samarco. Representamos a análise desse texto através do seguinte esquema:



Um outro exemplo relevante de processo metafórico que apresenta um grau de subjetivação considerável refere-se a um texto publicado pelo MAB (Movimento dos atingidos por barragens), na edição de fevereiro/2017, o qual apresenta uma denúncia contra a impunidade dos responsáveis pelo que o Movimento classifica como um crime – “Passados 15 meses do crime da Samarco (Vale\ BHP Billiton) não há dúvida em afirmar que a tragédia não acabou” –. Aproveitando-se da designação atribuída ao rompimento da barragem como ‘tragédia’, o texto do MAB utiliza a estratégia de personificá-la através da seguinte projeção metafórica – “Ela é o “bicho vivo” que vai crescendo, esticando seus tentáculos, deixando um rastro de destruição” – como podemos notar no seguinte excerto:

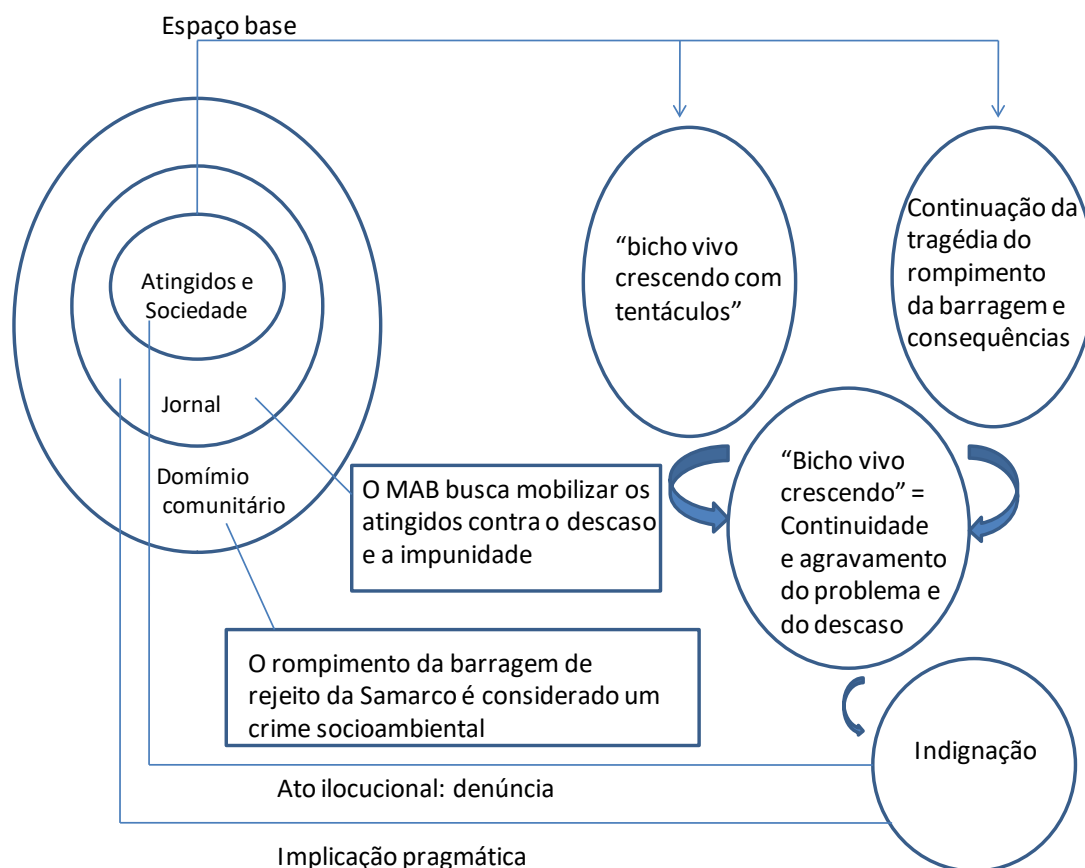
(8) Sobre como tornar a morte invisível

Por Movimento dos atingidos por barragens (MAB)

Passados 15 meses do crime da Samarco (Vale\ BHP Billiton) não há dúvida em afirmar que a tragédia não acabou. Ela é o “bicho vivo” que vai crescendo, esticando seus tentáculos, deixando um rastro de destruição.

É ilusão achar que a destruição foi apenas no dia 5 de novembro de 2015 quando a avalanche de lama atingiu a bacia do Rio Doce. Ela continua a cada dia quando os direitos são negados, quando a vida não recupera sua dignidade ou não encontra uma boa perspectiva para o futuro. Sem casa, sem terra, sem peixes, sem saúde...

No caso acima, a personificação da ‘tragédia como um bicho vivo’ é relativamente convencional e apresenta algumas variações, a exemplo de categorizá-la como um monstro, mas o restante da predicação que compõe a metáfora parece produzir um efeito de sentido mais contundente, em termos da denúncia que ela expressa, ao dizer que “o bicho vivo vai crescendo, esticando seus tentáculos, deixando um rastro de destruição”. Essa imagem nos permite projetar não só o trajeto de destuição produzida pela lama de rejeito, mas é também traduzida, de certo modo, pelo parágrafo seguinte, que descreve a “negação diária de direitos, da dignidade e da perspectiva de futuro dos atingidos, os quais ficaram sem casa, sem terra, sem peixes, sem saúde...”. É justamente a denúncia da continuidade e do agravamento do problema, do descaso e da impunidade o objeto da denúncia e da indignação expressa metaforicamente pelo MAB. Essa análise pode ser sintetizada através do seguinte esquema da arquitetura dos espaços:



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos uma análise de processos metafóricos presentes em textos publicados no Jornal “A Sirene”, por atingidos pelo rompimento da barragem Fundão, da Samarco em Mariana. Como se trata de um Jornal produzido pelos atingidos com a colaboração de grupos de apoio, formulamos a hipótese de que o Jornal constitui uma forma de acesso ao discurso por parte dos atingidos, possibilitando-lhes a (re)construção de suas identidades através de estratégias de subjetivação discursiva, entre as quais a metáfora avulta como operação privilegiada. Assim, tanto através de processos mais convencionalizados/ entrincheirados no sistema conceitual das comunidades atingidas quanto pela via de construções mais emergentes e criativas, a metaforização se apresenta de forma recorrente no discurso dos atingidos no Jornal em questão.

Esperamos que “A Sirene” possa continuar a oferecer aos atingidos, na sua colaboração com os grupos de apoio/mediação, padrões de acesso ao discurso cada vez mais efetivos, aprimorados a partir da dialética entre o respeito à cultura e às variedades linguísticas dessas comunidades e o desenvolvimento de estratégias de metaforização que potencializem os processos cognitivos, sob a forma da capacidade de dizer, de se mobilizar e de reivindicar seus direitos, na busca pela preservação do patrimônio, pela justiça e pela participação política.

REFERÊNCIAS

A SIRENE: para não esquecer, Mariana (MG), Fev. 2016.

A SIRENE: para não esquecer, Mariana (MG), Dez. 2016.

A SIRENE: para não esquecer, Mariana (MG), Fev. 2017.

BRANDT, P. A. **Spaces, domains and meaning: essays in cognitive semiotics**. Bern: Peter Lang, 2004.

BRANDT, L; BRANDT, P. A. Making sense of a Blend. In: MENDOZA IBÁÑEZ, R. (Ed.) Annual Review of Cognitive Linguistics. Amsterdam: John Benjamins, 2005. v.3. p. 216-249.

CAMERON, L. Metaphor shifting in the dynamics of talk. In: ZANOTTO, M. S. et al. (Orgs.). **Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach**. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

CAMERON, L.; DEIGNAN, A. The emergence of metaphor in discourse. **Applied Linguistics**, [s.l.], n. 27(4), p. 671-690, 2006.

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. **The way we think – conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York, Basic Books, 2002.

JOHNSON, M. **The meaning of the body – A esthetics of human understanding**. The University of Chicago Press, 2007.

KÖVECSES, Z. **Metaphor and culture**. Cambridge: CUP, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

OAKLEY, T. **From attention to meaning – explorations in semiotics, linguistics and rhetoric**. Bern: Peter Lang, 2009.

SILVA, A. S. da. **O mundo dos sentidos em Português - polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.

SLATEV, J. Phenomenology and Cognitive Linguistics. In: Shaun Gallagher and Dan Schmicking (eds) **Handbook on Phenomenology and Cognitive Science**. Dordrecht: Springer, 2002. (p. 415-446).